

CLIQUE !

por Edson Schüler

Clique.

Tudo parecia girar, num caleidoscópio de luzes. Não, ele é que girava, caindo numa espécie de túnel sem fim. Que estava acontecendo? Ele estava a ponto de acionar o manípulo do controle do vortex... Mas as imagens se sucediam, em ordem inversa, e ele se viu embarcando de costas num táxi, que partia de ré pela noite da metrópole. Norma... o Centro de Recolhimento... a vida passava em vislumbres.

Então era isso que acontecia. Ficar preso às últimas memórias em um laço infinito... As imagens começavam a parar, e uma cena tomava forma.

.....
Minha mãe surtou, quando abria a porta para que eu saísse para o trabalho. Foi ao desligar a lâmpada do hall. Ficou ali paralisada, repentinamente transformada em uma boneca, o dedo no interruptor da maldita lâmpada, os olhos abertos me fitando, a boca no formato da palavra que não acabara de pronunciar. Eu sabia que a gente devia ter há muito tempo substituído a antiga lâmpada fluorescente por uma radio-silenciosa, fosse uma moderna de heterojunção, ou até uma antiga incandescente, mas estas pequenas coisas sempre ficavam para depois. Afinal, nos últimos cinco anos, tínhamos trocado noventa por cento dos aparelhos do apartamento, para atender a campanha compulsória mundial do silenciamento eletro-magnético, e isso tinha custado a maior parte dos nossos planos. Agora restava eu, estático, olhando para o final de nossa vida comum, sem querer acreditar que aquilo tinha acontecido conosco.

Não que fosse impensável. Pelo contrário, todos os dias acontecia com milhares de pessoas, e éramos preparados para esta eventualidade por todos os meios que o governo podia imaginar. Uma cascata de idéias jorrava de minha mente agora, certamente colocadas ali pela Instrução Subliminar que era incorporada à programação da TV. Eu não queria aceitar, mas sabia exatamente tudo o que tinha de fazer.

“Primeira providência - Afastar a pessoa em surto do local ativo, para que não corra perigo em função do que manuseava, ou do fluxo das outras pessoas”. Abracei minha mãe gentilmente, e a arrastei para o sofá, deitando-a da melhor maneira que pude fazer. Ela ficou ali, a perna direita no ar, o braço direito com a mão estendida na posição em que desligava o interruptor. Entretanto, ali já não mais corria perigo de cair, ou ser derrubada por quem tivesse de usar a porta.

“Segunda providência - Ligar para o Centro de Atendimento 181” - recitava minha mente. Procurei o telefone na gaveta blindada da estante da sala, e o pus sobre o balcão. Marquei o fatídico 181.

- “Centro de Recolhimento” - dizia a voz feminina, quente e amigável. Eu sabia que eram agentes treinados para lidar com pessoas à beira de síncope nervosa. “Queira informar o endereço e seu nome, por gentileza.” - continuava.

- “Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 1530, apartamento 29” - dizia eu maquinalmente, ouvindo uma voz que parecia não ser minha - “Aqui é Dênis Pazzianotto, e minha mãe está com a síndrome de Gates. Eu queria ter trocado antes aquela fluorescente, mas a gente não tinha dinheiro para uma heterojunção, e a conta da incandescente seria muito grande...” - os soluços embargavam minha voz histérica, e minhas mãos começavam a tremer.

- “Calma, meu garoto! Confirme apenas o endereço, Av Brigadeiro Luiz Antônio 1530-29 ?” - insistiu a voz, em tom de infinita paciência.

- “É isso” - disse eu, o olho esquerdo piscando involuntariamente e o coração querendo sair pela boca. “Eu tive a culpa de tudo, viu? Olha, eu devia ser preso pela Assessoria Jovem, eu devia...”

- “Preste atenção” - cortou a voz com firmeza. “Escute bem o que eu vou lhe dizer. **Dominus Vobiscum.**” - as palavras foram entoadas em um tom baixo e vibrante, lenta e seguramente. Foi como se um alçapão se abrisse sob meus pés. Tudo ficou escuro e calmo, em um mundo mágico. Ao longe, eu ouvia a voz no fone abandonado em minha mão, a centenas de metros de distância, confirmando - “Alô, Dênis? Ouviu bem? Estamos indo para aí.” - mas minha mente já afundava em um redemoinho de tranquilidade, sob a influência hipnótica do gatilho implantado por PNL.

Quando os paramédicos do resgate chegaram, eu ainda estava sentado ao balcão da sala, com o fone na mão sobre o colo, fitando o vazio à minha frente. Como a porta de entrada havia ficado aberta, eles nem se deram ao trabalho de tocar a campainha. Voltei a mim quando uma agente de resgate segurava gentilmente a minha mão e dizia: “Fiat Lux, meu amigo, já estamos com você, não tem mais com que se preocupar.” O outro agente havia colocado os eletrodos de despolarização em minha mãe, e agora ajustava os controles do aparelho. O aparelho zunia baixo, e minha mãe relaxava, abandonando a rigidez de manequim, parecendo agora dormir sobre o sofá. A agente junto a mim retirou uma folha dobrada do bolso interno do macacão, e me olhando com um sorriso sério, falou no mesmo tom gentil - “Olha, temos por força de lei de ler isso para você. Conforme a Lei 12.115 de 2011, consubstanciada no Regimento Mundial 314, a propriedade do adulto surtado por Gates passa ao

Ministério de Reconversão Social, para apoio ao Serviço de Controle da Síndrome, e seus familiares devem indicar um representante para o agravo de sete horas semanais ao serviço e titulação para acompanhamento do surtado. No seu caso, pode indicar a si próprio ou a seu pai, se achar conveniente, mas deve fazê-lo neste momento. Quer dar um telefonema?”

- “Não. Sei que meu pai também entende que devo ser o responsável. Deixe-me assinar os papéis” - disse, enquanto apanhava a folha que já me era estendida. Era pura convenção fazer a opção, pois qualquer outro adulto da nossa sucedência era também potencialmente surtável, ou PS, e não tinha confiabilidade para assumir a guarda e o agravo. Assinei a folha e a devolvi à agente, que tomando minha mão me conduziu pela sala para perto do sofá, onde o outro agente guardava os eletrodos na maleta novamente.

- “Ajude-me com a maca, Dênis, você já está oficialmente a serviço do SCS, e o meu nome é Norma” - disse a agente enquanto se ajoelhava junto ao sofá para armar a maca modular que havia sido trazida com a maleta. “Vamos levar a sua mãe para a viatura de resgate”.

Colocamos minha mãe na maca e saímos cuidadosamente pela porta, que o afegão fechou, etiquetando a chave cuidadosamente com uma ficha onde anotou meu nome e o endereço do apartamento. Era um rapagão bronzeado, e no macacão do SCS ostentava o emblema do Sinponat, o poderoso Sindicato dos Povos Naturais, que hoje quase dirigia o mundo. Descemos pela escadaria, pois o elevador do prédio não comportava a maca, e saímos pela portaria, pela calçada, rumo ao furgão azul de resgate, estacionado junto ao meio-fio. Quando terminamos de colocar a maca no espaço posterior, o afegão me estendeu a minha mochila, que havia ficado junto à porta.

- “Acho que você levar suas coisas. Não preocupa com que ficou no apartamento, você voltar com equipe de remanejamento, e retirar tudo que quer ficar com você. Meu nome Ahmed.” - disse, e deu a volta, dirigindo-se para a cabina.

Embarcamos no furgão, enquanto Ahmed dava partida, e rumava para o Centro de Recepção de Surtados. Enquanto o furgão andava por uma São Paulo muito mais calma que há alguns anos atrás, eu refletia sobre as mudanças. Ahmed já falava até um bom português. Os Povos Naturais tinham sido buscados em todos os recantos do mundo para assumir as funções classificadas, depois que o relatório Gates mostrou que a maioria da população urbana pertencia à sucedência PS. Os Naturais eram classificados na sucedência Difícilmente Surtável, o que lhes deu o privilégio de assumir todos os cargos classificados, por força de lei. Os Potencialmente Surtáveis, como Norma, apesar de profissional do SCS e da aparência jovial, não poderiam jamais, por exemplo, dirigir um veículo sem unidade acessória de auto-governo. A nossa geração, que tinha apenas dez anos na época do Grande Silenciamento,

classificava-se na sucedência RS, ou Raramente Surtável, e nossos filhos provavelmente teriam a mesma sucedência dos Naturais, restabelecendo a saúde da população. Mas na época que vivíamos, as reformas sucediam-se rápidas, para adaptar uma sociedade com oitenta por cento de cidadãos PS e cuidar de cinco por cento de surtados em vida vegetativa, esperando que a situação não piorasse mais do que já estava.

O furgão a hidrogênio virou uma esquina, onde um cão surtado posava imobilizado junto a uma árvore, com a pata de trás levantada para urinar. Os primeiros animais a surtarem, mesmo antes dos homens, foram os pombos, dos quais quase já não mais se via um exemplar, nos centros urbanos. As pessoas inicialmente achavam até engraçado quando os animais caíam em pleno vôo, paralisados pelo surto. Depois a Vigilância Sanitária imaginou a possibilidade de um vírus, e todos ficaram muito sérios e assustados, principalmente porque pombos caíam em todos os pontos do mundo. Quando as pessoas começaram a surtar, os órgãos de inteligência mundiais fizeram o maior barulho, caçando terroristas e promovendo testes e pesquisas frenéticas para identificar algum vírus ou bactéria responsável pela calamidade. Olhei para a esquina que atravessávamos, onde um guarda afegão controlava o trânsito, principalmente formado de carros públicos a hidrogênio, bicicletas e eletroskates. A população adulta de sucedência PS, usava bicicletas e metrô, além de alguns passeios volantes. Os jovens RS usavam eletroskates. No centro do quarteirão, a rua estava impedida em meia pista, pois um prédio estava em reforma hidráulica, para a instalação da cisterna própria de água-1. Olhei com curiosidade quando passamos, pois essa era minha ocupação principal como gestor de águas.

Chegamos a um dos Centros de Recepção de Surtados, junto à Marginal Tietê, instalado em um galpão de uma outrora fábrica de equipamentos para telefonia celular. O prédio tinha sido recondicionado para funcionamento como unidade sanitária, mas ainda se notavam depredações havidas na época da revolta popular, quando da publicação do Relatório Gates, principalmente olhando o esqueleto retorcido da torre da antiga estação rádio-base de teste, fazendo um curioso L metálico, não recuperada uma vez que não mais se usavam comunicações via rádio.

Desembarcamos a maca com minha mãe no portão principal, sobre um carro de maca, e nos despedimos de Ahmed, que embarcava uma outra agente no furgão para um novo atendimento. Empurramos a maca pelo extenso corredor de entrada. Na enfermarias abertas, milhares de camas lado a lado com as pessoas surtadas, algumas já há cinco anos, eram atendidas pelos servidores compulsórios.

Pensei na minha rotina que se iniciava nesse dia. Uma vez por semana, talvez para o resto da vida, trabalharia durante o dia inteiro em um CRS, fazendo a higiene pessoal, alimentando e trocando os lençóis de pacientes da síndrome. No final do dia, daria uma rápida olhada em

minha mãe, até que mais tarde passaria a visitar uma vez por mês, certo de que não veria nada de novo além de uma tranqüila fisionomia de quem dormia um sono ainda indecifrável para a nossa ciência.

Chegamos a uma sala de identificação, e Norma falou com os paramédicos, que tomaram o carro da maca e o levaram para os procedimentos de recepção. Norma me puxou pelo braço - “Vem comigo Dênis, você sabe que eles vão identificar e gravar os sinais elétricos dela, nada que você já não tenha visto. Nós temos de olhar o vídeo educativo juntos, para preencher a formalidade.” - meio abobado, me deixei conduzir pela bela garota, para um setor de vídeo-audições. Entramos em uma das cabinas, todas parecidas. Uma mesa com quatro ou cinco cadeiras confortáveis, uma parede toda tomada pela tela de cristal líquido do vídeo. Sobre a mesa uma relíquia - uma garrafa de água mineral gelada, e copos de cristal. “Não pense que vai ter isso todos os dias”- brincou Norma enquanto servia um pouco de água nos copos - “É que hoje não é um dia comum, e você tem coisas demais para administrar do que beber água reciclada”- falou, subitamente séria, me estendendo o copo de água refrescante. Enquanto eu sorvia aquele líquido raro, ela ativava o controle do vídeo e a ativação climática da sala, que escurecia sendo invadida por uma leve brisa perfumada. A tela se iluminou, enquanto uma hipnótica voz narrava:

“Sejam bem-vindos a este documentário legal sobre a Síndrome de Gates. Caso não saibam, a Organização das Nações tornou a exibição deste vídeo obrigatória aos parentes dos surtados, como parte do programa de informação oficial da estratégia de atendimento.

Os primeiros casos da síndrome ocorreram com pombos, na época em que se suspeitou que a síndrome tivesse origem viral. Quando em 2005 ela começou a se manifestar em seres humanos, laboratórios do mundo inteiro se uniram em um gigantesco esforço, temerosos de uma ação terrorista, ou do escapamento de alguma arma biológica. Organizações de inteligência de todos os governos atuaram em conjunto, devassando pessoas e instituições suspeitas, tudo sem resultado. O número de pessoas vitimadas crescia linearmente, o que não caracterizava a propagação de uma epidemia. Os casos começaram a ficar espetaculares com a maior frequência, como no acidente com o Express-Air 259, quando o comandante surtou em meio à decolagem, ou no caso do campeão da Ferrari Oleg Lichtov, que após receber a bandeirada de chegada surtou, invadindo os boxes e matando o engenheiro chefe da própria escuderia, ou o Primeiro Ministro do Kurdistan, que surtou em meio ao pronunciamento na sede da Organização das Nações. Em meio ao pânico que a eventualidade de surtos em qualquer hora e lugar causavam, o poder mundial estabeleceu uma comissão para estruturar uma estratégia global de tratamento do problema, cujos primeiros atos foram a Classificação das Funções, onde as funções classificadas como alta responsabilidade passaram a ser dirigidas por pares de pessoas, cuja probabilidade de surtarem juntas

seria ínfima, protegendo assim a comunidade restante dos acidentes de grande monta que poderiam ocorrer durante surtos.

Uma comissão das indústrias passou a analisar a reformulação das tecnologias, para tornar o mundo mais seguro, em que um dos grandes projetos resultantes foi a Unidade Acessória de Auto-Governo, que possibilitou a nova geração de veículos seguros. O tráfego de veículos rodoviários comuns foi severamente restringido pelas autoridades, devido ao regular crescimento de acidentes de cada vez maior monta, por motoristas em surto nas estradas.

Mas a grande virada se deu no caso Gates, quando o executivo de uma mega empresa de computadores surtou em meio a uma cerimônia de lançamento de um novo produto em âmbito mundial, surto televisionado ao vivo e a cores para quase 2 bilhões de pessoas. A família do executivo investiu um fundo bilionário em um ultra-sofisticado grupo de pesquisa sobre a síndrome, que finalmente detectou as origens da mesma, divulgando um relatório que mudou o curso da História. Através da análise e simulação computadorizada de algumas dezenas de milhares de casos, seguindo tendências em uma coletânea de fatos cotidianos de todas as vítimas, identificou-se aspectos gerais que levaram à conclusão que, longe de ser ligada a alguma infecção biológica, a síndrome denotava uma disfunção cumulativa dos tecidos nervosos por exposição extensiva a ondas eletromagnéticas.

A divulgação do relatório Gates levou a uma conferência mundial de emergência de onde derivou um plano conhecido como Plano de Silenciamento Global, que reduziu o nível de emissões no espectro eletromagnético a 5% das leituras a que se tinha chegado naquela época. Em diversos lugares do mundo, populares enraivecidos destruíram quase todas as bases de telefonia celular, antenas, transmissores e até os estúdios de emissoras de rádio e televisão, e os exércitos tiveram de assumir a proteção destas áreas, mesmo que desativadas temporariamente.

No Plano de Silenciamento, em questão de 3 anos passou-se 90% das comunicações para fibras ópticas e equipamentos fototônicos tomaram o lugar dos antigos rádio transmissores. Os monitores de vídeo passaram a usar cristal líquido, os veículos a combustão com ignição elétrica foram substituídos por veículos a célula de hidrogênio com motores elétricos sem escovas. Os eletrodomésticos que usavam motores com escovas foram todos reprojatados, e a iluminação pública abandonou todas as lâmpadas a descarga, após a introdução dos dispositivos a heterojunção, mesmo que com custos elevados.

Infelizmente, mesmo limpando o espectro eletromagnético, o mal já estava feito, isto é, pessoas continuaram surtando, não mais em uma taxa crescente, mas em uma taxa estável, e a civilização teve de se adaptar para conviver com este problema. O relatório Gates classificou as pessoas em classes de sucedências, baseadas no histórico de exposição que poderiam ter tido, resultando em Potencialmente

Surtáveis, que inclui todos os adultos urbanos de hoje, Raramente Surtáveis referindo aos que tinham no máximo 10 anos de idade no Grande Silenciamento, e Dificilmente Surtáveis que referiu os povos naturais, em regiões onde como o progresso não havia chegado, a população não havia sido exposta. A conferência de Reconversão Social adotou, entre outras medidas, a limitação das funções classificadas, como motorista, piloto, comandante, policial, médico cirurgião, dentista e outros, aos sucedentes DS, o que obrigou as nações do mundo a requisitar as populações dos países pobres para que viessem auxiliá-los no preenchimento destes cargos, o que gerou uma classe altamente remunerada, devido à escassez da oferta.

Após a seqüência de catástrofes causadas por surtos entre 2007 e 2010, os Estados Unidos da América foram declarados Área Emergencial, e perderam a condição de nação autônoma, sendo dirigido por um comitê de representantes DS da Organização das Nações, em conjunto com um comitê DS regional, para a segurança da Humanidade.

O desenrolar da síndrome ainda permanece um mistério. Pela análise da atividade cerebral, e pelo depoimento de paranormais, a síndrome é instantânea para o paciente, que a percebe como um “clique” no sistema perceptivo, após o qual o próprio tempo parece parar, pois cessa o registro de sensações, ou até da marcha de elaborações internas. Os órgãos ficam funcionando perfeitamente em um regime de quase hibernação, e a temperatura cai a 35 graus Celsius. O único paciente já recuperado da síndrome acordou 3 anos depois como se houvesse acabado de entrar em surto, com a memória perfeita dos fatos até o último segundo e goza hoje de perfeitas condições de saúde, mas nada foi possível determinar sobre os motivos de ter entrado em surto nem de ter saído dele. Os cuidados típicos dos Centros de Recepção de Surtados incluem alimentação intra-venosa, embora pessoas surtadas em locais remotos tenham sido encontradas até seis meses depois, em perfeitas condições físicas, quando não atacadas por animais preadores.

Esta é a situação atual da Síndrome de Gates no mundo. As pesquisas seguem intensas, e de uma hora para outra pode ser encontrada uma maneira de resgatar os cinco por cento da população mundial que hoje se encontram surtados em Centros de Recepção. Quando isso ocorrer, a expectativa é de que todas estas pessoas voltem a uma vida perfeitamente normal. Algumas pesquisas com biópsias mostram que talvez até o processo de envelhecimento dos surtados esteja paralisado, pois não se observam ciclos hormonais nas mulheres. Enquanto isso, o número continua aumentando, e é de esperar que até 2030, em não se encontrando soluções, 30% da humanidade seja paciente da síndrome, quando então a taxa de surto começará a regredir devido aos resultados do programa de Silenciamento, mas a manutenção desse imenso contingente de 3 bilhões de pessoas demandará uma estrutura social completamente nova aos humanos de hoje. Esta é a apresentação inicial. Recomenda-se aos agravados assistirem nos próximos 2 meses, aos vídeos de séries A-VI e A-XII. Obrigado.”

O vídeo, que mostrara os flashes de todos os casos narrados, além dos gráficos de estatísticas e as cenas de atendimentos, escureceu. Norma desligou o aparelho e a sala gradualmente voltou à iluminação normal. Olhou para mim de um modo curioso.

- “Tenho de ficar com você durante os próximos três dias, como apoio psicológico e afetivo. Aliás, com um tipo como você não é muito difícil sentir-me afetiva. Vou mostrar nosso alojamento, e queria que você me falasse sobre sua vida. Gestor de águas, não é o que você disse?”

O alojamento era simples, mas confortável. Eu tinha tomado um banho e jazia de bruços sobre a cama, enrolado na toalha. Norma me massageava as costas com um creme aromatizado com essências calmantes. Uma onda de relaxamento delicioso subia pelo meu plexo.

- “É, gestor de águas” - continuava eu - ”e trabalho com adaptação predial ao sistema multi-hídrico. Primeiro, a estrutura do prédio é reforçada com vigas laterais, para suportar o peso da cisterna superior de água-1. Água-1 é a coleta da chuva, que retida nas cisternas obrigatórias de cada prédio, terminaram com os alagamentos nas avenidas. Esta pode ser ozonizada e passada para o reservatório de água-2, que também recebe da distribuição pública. Como água-1, ela alimenta as torneiras de banheiros e chuveiros do prédio, cujos ralos recalcam a água servida para o tanque superior de água-3, que alimenta as descargas sanitárias e o sistema de borrifamento das paredes norte, em dias de calor. Há também as estações de tratamento de águas servidas no porão, antes de serem vazadas para a adutora de água-4 até a lagoa de biogestão municipal. Gosto desse trabalho, são sistemas complexos e inteligentes, e a comunidade faz um grande investimento neles. Isso sem falar nos dutos de água-5, mineral, para certos prédios de alta classe...”

- “E você mora em um clã no Arouche.” - as mãos agora estiravam a minha cervical - “Vi nos seus documentos.”

- “Sim, o Gaxeta Azul.”- disse - “Desde que saí da Pré-ambiental na Dona Veridiana. É um clã muito pneumático “ - falei, usando a nova gíria da hora - “os falastrões sempre se acertaram na tabela rotativa de prioridades. não temos bate-crânios, e essas coisas mais, você sabe. Todos sabem a hora de fazer, a rola uma vibração de sinergia.”

Na verdade, era. Da Pré-ambiental eu lembrava poucas coisas, mas coisas boas. Como todo mundo, a gente ia desde nenê para a Pré, onde tutores cuidavam da gente, eu me lembrava com carinho deles. Era todos muito jovens, que tinham tido filhos, e ficavam obrigados a prestar o tutoriano que a legislação compelia, mas eu tinha sorte, porque a maioria dos meus gostava muito de nos cuidar. Meus pais também eram tutores, mas destacados em outros Pré-ambientais. A gente se visitava nos fins-de-semana, e passeava na Rua Augusta. Quando fiz doze, e já dominava

todas as tarefas do cotidiano, fui integrado ao meu Clã. Foi a glória, sem mais tutores, a gente dividia todo o trabalho da casa. No começo tínhamos saudade; acordávamos chorando no meio da noite e nos abraçávamos, com saudade dos tutores. Então contávamos histórias até que o sono chegava, e a manhã nos surpreendia todos no mesmo quarto, quando as tarefas do cotidiano distraíam nossos medos. Depois de meio ano já tínhamos adquirido a identidade do clã, feito nossos juramentos secretos, e nos sentíamos audazes e amparados - uma vintena de meninos e meninas que agora se sentia quase como um organismo só. A vida de clã fazia milagres.

E tínhamos de cuidar dos nossos indianos. Safra e Agra eram um casal simpático, mas dependente, devido à doença nuclear. Viviam tomando remédios, e tinham sangramentos frequentes, mas aceitavam tudo com estoicismo, e eram gratos pela nossa acolhida. Após o Incidente Nuclear de 2012, que exterminara os territórios beligerantes da Índia e do Paquistão, os sobreviventes foram hospedados pelo resto do mundo, por força de dispositivo do Regimento Mundial. Foi duro para todo mundo, mas só assim o desarmamento nuclear foi encarado seriamente por todos os países - depois do holocausto de 10% da população do planeta.

- “Isso me lembra que eu tenho de avisar os falastrões que não volto hoje para casa”- lembrei . -“eu só tinha ido passar uma noite com minha mãe, e acho que há tarefas me esperando, que tem de ser redistribuídas.”

- “Eu já fiz isso, chefe, bem como adiei a sua prova de administração no Centro de Preparação Civil, fique bem descansadinho aí” - senti a toalha escorregando e suas mãos nas minhas nádegas e entrecoxas.

- “Mas eu não posso me desligar da operação do Vórtex hidrônico”- lembrei, como num sobressalto. - “Somos só cinco habilitados, e dois estão viajando. Ficamos eu, o Alex e a Tininha. Aliás na semana passada fomos todos juntos visitar minha mãe, e comemos bolinhos de chuva deliciosos, depois jogamos gamão. Fico pensando que não vou saber fazer bolinhos como minha mãe fazia.” - minhas lembranças remetiam a meu atual desamparo - “pensar que eu ia dizer tchau para mais um dia e tudo o que ela ouviu foi um clique... “ - um arrepio subiu por minhas costas, mas a língua de Norma no lado interno de minha coxa desviou meus pensamentos. Ouvi um barulho fofo, abri os olhos e vi que era a blusa de Norma caindo mais adiante.

- “Venha cá, meu chefe, vamos sair desses pensamentos soturnos e fazer a vida um pouco mais pneumática” - sussurrava ela - “Vire prá cá que eu vou te mostrar uma coisa”.

Ela mostrou, e rolamos por quase uma hora pelo chão do alojamento, até desmaiarmos em um súbito abismo de serenidade.

Eram quatro da madrugada, quando meu memocall tocou. Acordei de sobressalto, e olhei para o visor iluminado do aparelho. Eu tinha que fazer a transferência de fluxo no Vortex, e isso era sério demais. Norma acordou enquanto eu me vestia às correrias. Pulou atrás de mim, vestindo a calcinha enquanto pulava no outro pé, sem sequer se lavar.

- Onde você vai? - dizia procurando as botas, mas já adivinhava a resposta.

- “Tenho de transferir o Vortex. Vamos lá, venha! “- disse e saímos às carreiras para a frente do prédio. Corremos pelas calçadas no fog da madrugada, até que um taxi apareceu na esquina. Gritei e acenei, e o taxi percebeu, vindo em nossa direção.

- “Para a Central hidrônica da Cantareira”- eu disse enquanto entrávamos. O motorista era congolês - reconheci pelo barrete - e resmungou algo aquiescente, Partindo o carro na direção da serra. Serpenteamos serra acima até a Central, em menos de vinte minutos. Mostrei meu cartão de Operador e pedi que ele esperasse no estacionamento do posto de operações. - “Vem junto, Norma”- disse, puxando-a pela mão.

Precipitamo-nos pela portaria, que o vigia abriu alarmado - “Ainda bem que chegou, Sr.Dênis! “- disse - “o pessoal da operação já está ligando para cá há quase dez minutos, dizendo que o fluxo tem de ser transferido agora.”

Corremos pelos corredores da engenharia, quase abalroando um grupo que transportava um dos engenheiros que havia surtado há pouco, para a sala de recreação. Chegamos à ponte de controle, de onde se descortinava a gigantesca barragem, e o redemoinho enorme que gerava energia para toda a região. No centro do redemoinho já se avistava algumas pedras, pois o nível estava perigosamente baixo.

- ”Acompanhe com atenção, Norma.” - disse eu enquanto preparava as comportas do reservatório 2 e consultava o índice de cavitação medido pelo acelerômetro inferior.- “Tenho de abrir as comportas do 2 e esperar o fluxo juntar ao vórtice do 1, então reduzir o fluxo até que a velocidade não provoque cavitação, depois abrir tudo de novo, senão a barragem arrebenta com vórtice e tudo. Nada disso pode ser automático, porque o momento do controle ainda não foi bem entendido de forma objetiva. Pronta?”

Minhas mão esquerda viou o manípulo. Uma fenda negra se abriu na encosta da serra, e um gemido longínquo se fez ouvir. Milhões de toneladas de água arremetiam pelo túnel em espiral, e finalmente assomaram pela fenda. O espetáculo era glorioso. O jorro d’água iluminado pelos holofotes jogou-se serra abaixo sobre o gigantesco vórtice anterior, submergindo-o. Eles lutaram e rugiram, em um debater de espumas, até que o vórtice recedeu pela garganta de chegada do reservatório 1, fazendo um ruído de gargarejo, como que engasgando com a água adicional.

Era o momento crucial. Por cima do ombro eu via o rosto de Norma em colorações exóticas, provocadas pela iluminação dos instrumentos no painel à nossa frente. Ela estava linda, os cabelos castanhos que não tivera tempo de pentear, esvoaçando na ventilação da sala, um olhar orgulhoso para mim, como quem não acreditava que tivesse se relacionado com alguém em uma ocupação tão importante. Há alguns anos atrás, jamais um rapazote de 15 anos estaria operando um equipamento com esta responsabilidade, mas depois da surtabilidade, os adultos tiveram de se resignar à retaguarda e preparar os jovens para todas as funções cruciais, inclusive a nível de governo.

Eu tinha de cortar o fluxo da 2, agora e aguardar a recessão, para abrir de novo ao máximo. Manobrei a comporta, e o vórtice espumou, instável, como querendo trocar de direção. Aguardei que o nível descesse uns 50 metros. Minha mão no manípulo para restabelecer o fluxo, o dilúvio branco precipitando-se paredes abaixo, escoando pela turbina hidrônica. O astro rei assomou sobre a serra, deitando arco-íris sobre todas as espumas da batalha abaixo. As luzes da sala de controle começaram a apagar automaticamente. Norma colocou a mão no meu ombro. Eu tinha que abrir agora...

Clique.
(es/2001)